

# O episódio da Venda Grande através dos Registros e anotações das escrituras

Andin da Fonseca: "A História do Brasil só estará completa quando nela for incluída a história da Venda Grande" marco de lutas e combates — Caxias não esteve em Campinas

Palavras de Benedito Otávio — Notas e observações

Campinas, nos primeiros dias de 1842, segundo Jolumá Brito, era cercada de abundantes matas que a rodeavam e pelas grandes sesmarias transformadas em fazendas de café, depois do ciclo vitorioso da cana de açúcar, cultura esta que já entrava em declínio. Era, a cidade, cabeça de Termo da 3.ª Comarca da Província. Tinha, por Delegado de Polícia, o cidadão Lourenço Antônio Leme, que também exercia o cargo de juiz municipal. Eram, juizes suplentes, o Sargento-Mór Antônio Xavier de Brito, que também exercia o cargo de Coletor; Miguel Ribeiro de Camargo; Cândido Gonçalves Gomide; Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme — o segundo deste nome — escrivão da Coletoria e Secretário da Câmara; tinha, como solicitadores, Caetano José da Silva Costa Pessoa, Manoel Joaquim do Sacramento Matos, Joaquim Xavier de Oliveira, Dr. Francisco de Assis Pupo e Dr. Sampalo Peixoto — este, o proprietário da Olaria Imperial, cujos tijolos vêm sendo retratados das demolições que o Honório Chiminazzo executava na cidade, em cumprimento ao plano de urbanismo em elaboração pela atual administração, e que vem impressionando a todos. A posse desses tijolos está sendo vivamente disputada pelos moradores da cidade e até mesmo de fora, isto por constituir, não só uma rica peça histórica de um passado glorioso, mas também por se tratar de tijolo fabricado em Campinas, há muitos anos e cujo acabamento em muito se assemelha aos atuais tijolos cerâmicos.

Vamos além:  
"Era Escrivão do Fôro, Joaquim Roberto Alves; Comarante do Destacamento, Francisco Alves dos Santos; peritos em exames e ferimentos, os "curiosos" Laudelino Ferreira da Silva e Manoel José Ladeira da Silva Guimarães. A cidade era dividida em 6 distritos de Paz. Na parte religiosa, existiam as Irmandades do S. Sacramento, de N.S. das Dóres e de S. Benedito. Existiam duas igrejas: Matriz Velha, em ruínas, a do Rosário, e a Capela de Santa Cruz. Havia 3 escolas públicas; 90 engenhos de açúcar, algumas fazendas de café, 16 engenhos de serra e 6 fazendas de criar; um cemitério para sepultamentos de escravos e pessoas do povo — os mais abatidos eram sepultados no corpo da igreja; 1 sociedade dramática; 2 farmácias, sendo uma do célebre botânico Joaquim Corrêa de Melo (Joaquinzinho da Botica);

mais de 100 vendas, inúmeros botecos, duas dezenas de armazéns, cerca de mil prédios e 12 mil habitantes. O progresso por aqui era tão grande, que um campineiro, Custódio Manoel Alves apresentara interessante trabalho topográfico sobre a cidade. O comércio da rua de baixo (Luzitana), cedera seu lugar ao da rua do Meio (Dr. Quirino). A rua do Rio, tivera, tempos após, o nome de "rua da Ponte" e, ali, nas proximidades, existia uma bica de água para beber e que se chamava a "Bica do Juca Aleijado". Havia a rua da Matriz, o Beco do Caracol, que passava próximo à residência do ex-Regente Feijó. Foi por esse tempo que se abriu a rua Formosa (Conceição), dando frente a Matriz Nova (Catedral) que se

levantava paulatinamente; mais acima, a rua das Formigas. Quasi no fim da rua das Casinhas (General Osório), onde existiam os estabelecimentos para o retalho de carne verde, havia um grande brejo e mais abaixo um córrego onde as lavadeiras escravavam lam lavar roupa.

Assim era Campinas de então. A Vila de S. Carlo, desde a época da retirada do Rei para Lisboa, tornara-se um vasto campo político e foi aí que se iniciou uma época tormentosa e difícil na vida pública campineira e que, por largos anos, perdurou até atingir o seu climax em 1842.

Não vamos reproduzir aqui toda a história da Venda Grande, tão notavelmente contada por Jolumá Brito na Separata da "Revista do Arquivo", Vol. CXLV, em 1952, em 76 magníficas páginas.

Passemos, agora, a outros autores:

Segundo "Gondin da Fonseca", a História do Brasil só estará completa quando nela for incluída a História da Venda Grande.

"Raul de Maio", (J.J. Sousa Martins) em excelente artigo para o "Correio Popular" de 7 de outubro de 1953, falando de Campinas, disse:

"... Entre as efemérides que nos ligam à história de S. Paulo e, consequentemente, à do Brasil, enquadra-se a de 7 de junho de 1842 — Combate da Venda Grande, travado entre liberais e conservadores em terras campineiras.

O fato tem sido narrado e enaltecido por penas brilhantes. Dentre os trabalhos divulgados transcrevo:

"... Outros grupos, vindos de Limeira, onde se achava o Senador Vergueiro, de Mogi Mirim e de outras localidades do interior, dirigiam-se para Campinas, devendo todos reunir-se no local denominado Venda Grande, na Fazenda da Lagôa (Engenho da Lagôa), pertencente aos herdeiros de Teodoro Tomás Leite, cerca de uma légua da cidade". (Omár Simões Magro, — "Os apuros de um chimango", 1842), do livro "Mulheres Perigosas".

"Há um século exatamente, numa tarde fria, nas terras do caminho de Limeira, lá estava o "Engenho da Lagôa" — cercado da bonita mata de exuberante luxúria, da vegetação verde que fazia destacar, quasi em meio de uma clareira, a "Venda Grande". Um antigo solar de Teodoro Ferraz Leite..." (Jolumá Brito — Venda Grande — Correio Popular de 7 de junho de 1942).

Pois bem. Movido pela curiosidade patriótica de conhecer o célebre local onde tombaram os 17 heróis dessa jornada histórica, e guiado por pessoa amiga, conhecedora da região, dirigi-me, há dias, à Ventosa, na Fazenda Santa Genebra, a fim de visitar o local da Venda Grande, onde, segundo me informara o gentil acompanhante, existia uma placa comemorativa. Lá estava, entretanto, caída ao chão, em abandono, uma rústica tableta de madeira, inexpressiva, com dizeres quasi completamente apagados. Nada encontramos ali que evocasse aquele episódio expressivo, eloquente, na história da gente campinense, tão rica de exemplos edificantes de civismo!"

Ouvimos de alguém, que Caxias esteve aqui em Campinas por ocasião do Combate da Venda Grande. Duvidamos.

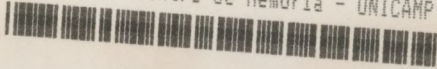
J. Davi Jorge (Aimoré), esse incansável pesquisador e competente cronista de "A Gazeta", de S. Paulo, revolvendo os Arquivos do Estado, encontrou farta documentação a respeito da estada de Caxias no Estado de S. Paulo e, dessas pesquisas, extraímos:

"... No maço n.º 83 (Comandante da Guaranição), na Pasta de 1842, encontra-se a correspondência do Barão de Caxias, referente à Revolta de 1842. Examinando estes documentos (ao todo 59), pudemos seguir o itinerário, que o Comandante e Chefe das Forças Legais fez, desde 21 de maio de 1842 até 20 de julho do mesmo ano. Podemos, desde já, adiantar que, no dia em que se deu o ataque ao arraial da Venda Grande (distante de Campinas uma légua), o General Caxias se encontrava acampado com sua força na Ponte dos Pinheiros, nos arredores da Capital. No célebre combate da Venda Grande (7 de junho de 1842), o Comandante das Forças Legais era o bravo Tenente-Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, e o Chefe rebelde, que pereceu na luta, o cidadão Antônio Joaquim Viana. Como se sabe, a vitória coube a tropa chefiada por Amorim Bezerra. Vejamos, porém, as datas dos ofícios de Caxias, e das localidades por onde passou nesses dias, dias lutosos que foram para a então Província de S. Paulo: 1842, 21 de maio, Santos; 24 de maio, Pinheiros; 26 de maio, Ponte Pinheiros; 31 de maio, acampamento dos Pinheiros; 3 de junho, Ponte dos Pinheiros; 6 de junho, S. Paulo (Capital); 7 de junho, Ponte dos Pinheiros (neste dia feriu-se o Combate da Venda Grande); 8 de junho, Ponte dos Pinheiros, etc., até que, no dia 20 de julho, ele aparece com correspondência de Guaratinguetá."

Mais além, prossegue J. Davi Jorge: "... No Dia 10 de julho de 1842, Caxias foi nomeado, por Decreto Imperial, Comandante em Chefe das Forças em frágil derrota que sofreram os revoltosos na Venda Grande, no dia 7 de junho de 1842, foi, sem dúvida alguma, devido às operações em Minas Gerais. A manobras geniais do grande cabo de guerra, Barão de Caxias, denominado o Pacificador."

Em carta dirigida ao Barão de Monte Alegre, Presidente da Província de S. Paulo, ao referir-se à Venda Grande, disse Caxias: "Apresso-me em levar à presença de V. Excia. o incluso officio do Tenente-Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, comandante do corpo da direita, pelo qual verá V. Excia. o brilhante triunfo que alcançaram as forças Imperiais em número de quatrocentas praças; rogando a V. Excia. me devolva hoje mesmo o dito officio, a fim de que amanhã possa publicar a respectiva Ordem do Dia; pedindo V. Excia. ficar na certeza, de que vou já dar as convenientes ordens, para que se não pare em tão bom ensejo. Deus guarde V. Excia., Quartel General nos Pinheiros, 8 de junho de 1842 — Barão de Caxias."

Em 17 de junho, em novo officio, ao referir-se a Campinas, disse:



“... Em marcha, e projetando acampamento neste ponto, fui informado, pelo cirurgião ajudante Gomide, que nesta data officia a V. Excia., de que os rebeldes, aterrados pela derrota que sofrerão na cidade de Campinas, e pelas manobras audazes que hei praticado, abandonarão completamente a cidade de Itú e a Vila de Pôrto Feliz; em consequência do que, ordenei ao Coronel José Leite Pacheco, comandante da coluna do centro, que a marcha forçada, fosse àquelas duas importantes povoações, devendo operar sobre a cidade de Sorocaba, caso assim convenha; e avançando eu, ficarei hoje, além da Vila de S. Roque, e amanhã por noite, ou na madrugada do dia 19, me apresentarei à frente da referida cidade de Sorocaba, que baterei caso os rebeldes, ousem encerrar minhas tropas. Ao Tenente-Coronel Bezerra, já por duas vias lhe ordenei, que marchasse sobre a supradita cidade de Sorocaba; porém como tais officios possam ter sido interceptados pelos rebeldes, rogo a V. Excia. que officinando ao predito Tenente-Coronel, lhe ordene que, a marchas forçadas, siga na direção que lhe indiquei, porque qualquer demora de sua parte poderá comprometer o movimento combinado etc.”

Como viram os leitores, Caxias não esteve em Campinas.

Agora, vejamos o que disseram os autores sobre o que foi Venda Grande. São de Benedito Otávio as seguintes palavras, extrahidas do Almanaque de Campinas, em 1912:

“... No dia 6 de junho de 1842, chegaram a Campinas 200 soldados (chamados piriquitos), sob o Comando do Tenente-Coronel Amorim Bezerra. Parte dessa tropa marchou, no mesmo dia, para um local nas proximidades de Campinas, chamado Venda Grande, onde, no dia 7, deu-se o Combate da Venda Grande. Nesse lugar havia o Engenho da Lagôa, de propriedade do Capitão Teodoro Leite Penteado, sogro do dr. Francisco de Assis Pupo”.

E mais além:

“... Mais ainda do que as lutas do período regencial, encontrou grande eco em meio da população campineira a famosa rebelião daquele ano de 1842. Seus principais moradores se dividiram, tendo, os liberais, de retirar-se da cidade, em vista da pressão exercida sobre eles pelos conservadores. Acampados a 5 e 7 quilômetros da povoação, num sobrado da antiga fazenda denominada Engenho da Lagôa, preparavam-se os ximangos para um ataque à cidade quando foram ali surpreendidos e derrotados pelos cascados, em 7 de junho daquele ano, resultando, do encontro, mortos, feridos e prisioneiros”.

Vejamos, agora, o que nos conta Martins de Andrade quanto à participação de Boaventura do Amaral, em seu livro “A Revolução de 1842”:

“... Pouco ou nada conhece o povo brasileiro do movimento irrompido em 1842. Para uns, o motivo não foi outro senão a ambição do mando, da posição, enquanto que, para outros, o movimento foi inspirado em apenas um ideal: “conservar em vigor os principios até então vigentes”.

O principal responsável pela deflagração do movimento foi o partido conservador que, conseguindo decretar a reforma de algumas leis, armou-se e se fortaleceu no poder. Ante menosprezo aos principios, houve, como sóe acontecer em tais situações, protestos populares que, dirigidos à S.M.I., não lograram êxito.

Querira, o povo, a destituição do Ministério então no poder e a revogação de certas leis absurdas então promulgadas. Não satisfeitas as pretensões do po-

vo, este não vacilou em lançar mão de todos os recursos ao seu alcance para fazer valer o seu direito. Eis aí o verdadeiro da Revolução de 1842.

Não foi uma revolução de qualquer um, pois, apareceu nela o próprio Regente Feijó, que relevantes serviços prestou à Nação e à S.M.I.

Como os rebeldes continuassem a provocar a tensão de nervos da população receiosa de um ataque à Capital, resolveu, Caxias, dar-lhes uma sortida, pondo-os a descoberto.

Dois ataques sucessivos nos dois primeiros dias de junho obrigaram os revoltosos a abandonar as suas posições, pondo-se à distância da Capital. Como eles se recusassem a aceitar o combate, a tropa legalista resolveu apertar-lhes o cerco, forçando-os à capitulação. Sob ordem do Comandante Geral, segue para CAMPINAS, em marcha forçada, o Tte-Coronel Amorim Bezerra, com a incumbência de tomar a cidade que os revoltosos pretendiam dominar.

Este militar, já por vezes várias, havia de distinguido em lutas pelas províncias do nordeste, destacando-se pela coragem e sangue frio nos combates.

Deixando S. Paulo no dia 3 de junho, já entrava pela manhã do dia 6, a Força Legalista, em Campinas, surpreendendo os rebeldes que se aproximavam da cidade. Cientificado Bezerra de que estes preparavam um ataque à Força sob o seu Comando, resolveu ir-lhes ao encontro. Deixou Campinas a 7 de junho, evitando, dessa forma, dar combate naquela cidade. Ao aproximar-se da Venda Grande pôde observar os aprestos de guerra dos revoltosos. Enquanto tomavam posição, assentando artilharia em pontos estratégicos aguardavam eles o reforço que lhes viria juntar. Bezerra ordena, então, uma sortida. Apesar da superioridade numérica do inimigo, não perde tempo. Tenta envolvê-lo de surpresa. Mas, os revolucionários, mal presentindo a aproximação de tropa adversa, dispõem-se a oferecer combate.

Logo a cavalaria, sob o Comando de Pedro Alves de Siqueira, toma posição, enquanto a primeira carga é disparada. Os revolucionários que, sob o Comando do Capitão do Exército Boaventura do Amaral, se achavam bem intrincheirados, respondem ao fogo da artilharia, sem dar tréguas. Passado, porém, algum tempo, de fogo cerrado, os rebeldes começam a afrouxar as descargas, tornando-as intermitentes.

O Comando Legalista percebe que o inimigo já se sente desanimado. Aproveitando o momento psicológico para um combate mais decisivo, resolve precipitá-lo. Abandonando suas posições, põem-se os revoltosos a recuar, fugindo agora à luta. Mais encorajado ante a fraqueza do inimigo, Bezerra, com o auxílio do Tte Godfrey e do Capitão Siqueira, todos bravos e decididos, avança resolutamente sobre o inimigo. Os revoltosos que não têm o mesmo preparo bélico e a confiança precisa no manejo das armas, põem-se em debandada. Na fuga, deixam no campo armas e munições, sofrendo 17 baixas de mortos e 15 prisioneiros nas mãos dos Legalistas. Estes perderam somente dois homens.

O comandante da coluna rebelde, o Capitão Boaventura do Amaral, foi mortalmente ferido nesse combate, preferindo sucumbir para não ficar marcada a sua honra de soldado”.

E, para finalizarmos esta série de transcrições, eis o que escreveu em “Um Idealista Realizador — Barão Geraldo de Rezende” — Amélia de Rezende Martins, filha do proprietário do Engenho de Lagôa, depois Fazenda Monjolinho, atualmente Fazenda

Santa Genebra.

Amélia de Rezende Martins, essa grande campineira, orgulho das gentes desta terra, que teve toda a sua infância e mocidade no local que foi palco da tragédia a que nos referimos neste comentário, nos consta:

“... No ano de 1842, deu-se, nas proximidades, e escaramuça da Venda Grande, em terras da Fazenda Monjolinho, e onde, do meu tempo, existiam ainda um restos de ruínas, indicando apenas o local desse feito histórico, levante de Minas e de São Paulo, contra o Ministério do jóvem Imperador, então apenas emancipado.

A maioridade de D. Pedro II devia pôr termo às lutas do período regencial; mas as esperanças não foram tão prontamente confirmadas. Ao primeiro Ministério, chamado Ministério da Maioridade, de existência efêmera, sucedeu o de 23 de março que procurou reunir elementos de concórdia. Mas as províncias continuavam desconformes, e foi quando se deram os levantes, dos quais, o de São Paulo terminou com o combate da Venda Grande. O desejo de ver em paz essa província teria sido, provavelmente, o motivo da primeira visita do Imperador a Campinas, em 1846”.

A 7 de junho de 1902 a imprensa publicou o seguinte:

#### VENDA GRANDE

7 de junho de 1902 — 7 de junho de 1842.

Passa hoje o 60.º aniversário do combate entre forças revolucionárias e legais havido em terras da Fazenda Monjolinho ora propriedade do Barão Geraldo de Rezende. Relativamente à data daremos amanhã um folhetim em verso.

Em 1942, uma comissão identificou o local onde se deu o Combate da Venda Grande e ali colocou um marco de madeira. O tempo que tudo destrói, incumbiu-se de liquidá-lo. Assim, a passagem do primeiro centenário da histórica data foi solenemente comemorada, em nosso Teatro Municipal, usando da palavra, na ocasião, o historiador Jolumá Brito e o cidadão José Ribeiro de Almeida.

Agora, passados 114 anos, vai, novamente ser assinalada e comemorada a epopéia histórica de 1842. Campinas é, atualmente, sede de duas guarnições militares, e, em se tratando de epopéia militar em que tomou parte ativa o próprio Duque de Caxias, naturalmente, ao Exército cabe agora a incumbência de zelar por esse local, conservar a sua tradição, passá-la às gerações futuras, até que os responsáveis pela História Pátria se resolvam a incluí-la em definitivo na História do Brasil, sem o que, ela nunca estará completa.

Os nossos modestos parabens a esse bravo e patriótico militar, o Tte-Coronel Luís Felipe Wiedmann que, chamando a si a incumbência de rememorar esse fato histórico, solicitou e obteve a colaboração de José de Castro Mendes (Zeka), Jolumá Brito (João Batista de Sá), João Lannaro, o simpático e combativo Vereador da nossa magnífica Edilidade, Celso Maria de Melo Pupo, um dos grandes da nossa história, o Coronel Sólton, digníssimo Administrador da Fazenda Chapadão, e do Tenente Vilas Boas, este, autor da planta de localização do Combate da Venda Grande.

Desnecessário será dizer que, se a primeira pesquisa para a localização exata do local foi infrutífera, na segunda, foram os membros da Comissão muito bem sucedidos e, graças a isso, o local foi encontrado à esquerda da estrada dos Amarais, a 8 quilômetros da cidade de Campinas, nas proximidades do Campo dos Amarais.

No dia 25, Dia do Soldado (Dia de Caxias), inúmeras solenidades militares fo-

ram realizadas nas tropas sediadas em Campinas. Dentre elas está a do assentamento do marco alusivo à data de 7 de junho de 1842, Combate da Venda Grande, mas, desta feita, um marco de pedra, portanto em condições de suportar as intempéries.

Segundo aprendemos quando da prestação do Serviço Militar, “A Nação é do Exército e o Exército é da Nação”. O Combate da Venda Grande foi pelo bem da Nação. Nele o Exército se envolveu sob a orientação do maior dos soldados brasileiros, Caxias. Assim, o local da Venda Grande deve passar à propriedade da Nação e ser carinhosamente guardado pelas tropas nacionais sediadas em Campinas.

A esse formidável militar que toda Campinas admira pela bellissima orientação que dá aos seus comandados — aqui não temos aborrecimentos com recrutados indisciplinados —, o Coronel Serafim Migueis, doador do pedestal onde foi erguido o marco assinalador da epopéia de 1842, o muito obrigado de Campinas e nosso apêlo para que consiga do Exmo Sr. Ministro da Guerra a aquisição do local onde será colocado o marco assinalador da epopéia da Venda Grande e que o Exército, a cada 25 de Agosto — Dia do Soldado —, conte à tropa o que ali aconteceu, mantendo, assim, sempre acesa a chama do amor à Pátria e a perpetuação dos nossos fatos históricos, hoje tão pouco lembrados, venerados e até mesmo respeitados.

Campinas saberá ser grata a vocês, do Exército.

Nota: — O desenho que ilustra o presente comentário foi elaborado pelo pessoal do Departamento de Obras e Viação da Prefeitura, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.